

REPORTAGEM ESPECIAL

INVASÃO JOVEM

O CENTRO REVIVE

OS BONS TEMPOS

Depois de anos de esvaziamento, registrado a partir da década de 1970, a área central de Vitória é ocupada; viver ali agora é considerado cult

CLÁUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

Você, certamente, deve ter ouvido falar na revitalização do Centro de Vitória. Promessas de obras e de ações do poder público não faltaram, ao longo dos últimos anos, na tentativa de reverter um fenômeno iniciado nos anos 1970, quando seus moradores e o comércio mais refinado, progressivamente, migraram para a Zona Norte da cidade.

Mas, resistente, o Centro dá sinais de uma vida nova que começa a brotar, e que é fruto de uma força literalmente jovem. Ali, imóveis vêm sendo alugados e comprados para moradia e comércio por uma moçada que vê charme e beleza nesse pedaço da cidade, onde se podem encontrar prédios históricos.

CULT

O Centro é cult. É assim que esses novos moradores o veem. Não por acaso, imóveis vêm sendo ocupados por muitos produtores culturais e artistas plásticos. Gente como o grupo de amigos da carinhosamente chamada Vila do Chaves – uma referência ao antigo e ingênuo seriado da TV –, prédio de apartamentos numa ladeira da bucólica Rua Barão de Monjardim, bem aos pés da Gruta da Onça.

Melina Almada e Ivo Godoy, ambos de 29 anos; Gabriel Borem, 30, e sua mulher, Ludmila Costa, 28; os irmãos Fran, 37, e



Melina, Ivo, Gabriel, Fran, Francinardo, Júlio, Kênia, Leandro e a filha Eloá moram na Barão de Monjardim e têm a arte como elo

Francinardo de Oliveira, 32; Júlio Tigre, 52; Kênia Lira, Leandro Rocha e a filha Eloá, de 8 meses, que moram nesse condomínio, são ligados às artes.

Tigre, que mantém ali seu ateliê, deu aulas na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) para vários deles. Um a um, foram chegando à “vila”, atraídos pela arquitetura dos imóveis, pelo fácil acesso e pelo preço de locação da moradia.

No Centro, como explica o presidente da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi),

Juarez Soares, numa comparação com Jardim Camburi, por exemplo, um imóvel pode custar até 40% menos. Ali é possível encontrar apartamentos de três quartos com 140m² e de quatro quartos acima de 200m².

ANIMAÇÃO

Há quem diga que a animação que tomou conta da região – e que teria motivado jovens a optarem por morar e empreender ali – tem um nome: o Regional da Nair. Tudo começou, em 2008, com um descompro-

metido encontro de amigos na sala do apartamento da jornalista Nair Rubia, 29, no Edifício Moscoso.

Dali, a rapaziada, que canta e toca samba, passou a se reunir em bares, como o da Zilda, na Piedade, e acabou ganhando as ruas com um bloco de Carnaval, atraindo milhares de pessoas.

Nair Rubia, 29, assessora de imprensa no Ministério da Educação, mora hoje em Brasília, e afirma: “Esse movimento do regional comprova que o Centro pode sim voltar a ser frequen-

tado, fazer parte do circuito de lazer e ser uma opção à população da cidade. Basta que sejam realizadas atividades no local.”

Produtor com atuação na Estação Porto, projeto cultural da Prefeitura de Vitória instalado num dos armazéns do Porto de Vitória, Fabrício Noronha, 28 – também morador do Centro –, constata, na prática, o que Nair Rubia afirma.

Pessoas de todas as idades têm no Centro opções de espaços culturais importantes, como o Museu de Artes Plásticas do Esta-

do (Maes), o Museu do Negro (Mucane), o Teatro Carlos Gomes, e o próprio Palácio Anchieta, que tem sido palco de exposições de nível internacional.

Neste feriadão, monitores do Projeto Visitar estão a postos para atender a turistas e moradores nas construções históricas da Capital, entre igrejas e teatro.

E o rol de opções vai crescer, já que o Sesc faz uma ampla reforma no Cine-teatro Glória, na Avenida Jerônimo Monteiro, onde a prefeitura também reforma a Casa Porto das Artes.

FÁBIO VICENTINI



Os amigos Saulo Santos e Edit Nunes, que escolheram o Centro para morar e trabalhar, dão um colorido diferente à Rua Gama Rosa com seu bar e restaurante

Motivadas pelo “movimento de ocupação jovem”, empresas abrem e ampliam ali seus negócios. Somente a Rede Dadalto investiu cerca de R\$ 5 milhões na revitalização de duas lojas. A Renner é outra que realiza obras para abrir ali sua terceira unidade na Grande Vitória.

CLASSE MÉDIA

Os amigos Saulo Santos Silva, 28, e Edit Nunes de Paula, 31, são outro exemplo. Abriram a Casa de Bamba, bar e restaurante que ocupa uma construção de 1910 na Rua Gama Rosa e atrai clientes das classes média e alta.

Edit, que passou uma temporada nos Estados Unidos, diz que, ao voltar ao Espírito Santo, em 2011, quis morar no Centro e participar da sua revitalização. Saulo, que tem uma banda de samba-rock; e ela, carente de coisas brasileiras, uniram-se no projeto.

Sirley Nossa de Oliveira, 44, já havia aberto na Rua Aristides Freire seu ateliê de moda. No mesmo endereço, há um ano, montou um café, com público que define como “antelado e amante da cultura”.

Pagando R\$ 700 de alu-



A Beira-Mar é o “quintal” de Haroldo Lima; como ele, muitos jovens moram sozinhos na área central da Capital

guel por um quarto e sala de 80m² na Rua Alberto de Oliveira Santos, tendo a Baía de Vitória como seu “quintal”, o jornalista Haroldo Lima enquadra-se nesse perfil. No prédio onde mora, há vários jovens que, como ele, estão ávidos pelo que a região pode lhes oferecer.

“O Centro é ocupado por pessoas que estão construindo com ele uma rela-

ção afetiva”, diz o professor e artista plástico Julio Tigre, sem deixar de citar a “cara suja” da cidade que, em alguns pontos, exhibe usuários de drogas e sem-teto em calçadas e praças.

É certo que essa realidade já foi pior, como atesta o ator José Luiz Gobbi, 57, do alto de seus 20 anos de Centro. Morador da Rua Sete de Setembro, ele, que já morou

em Paris, Lisboa e no Norte da África, testemunhou a decadência e agora assiste ao “renascer” do lugar.

Gobbi lembra dos cinemas – hoje sem nenhum, o Centro chegou a ter sete –; da Feira Hippie da Praça Costa Pereira, que garante ter sido a primeira do Brasil; das lojas descoladas da Rua 7, em torno da qual surgem opções gastronômicas.

Secretário de Desenvolvimento da Cidade, Kleber Frizzera diz que o “repovoamento” do Centro é observado desde 2010, quando a região voltou a buscar sua identidade. “Os preços dos imóveis foram o chamariz. Aí, uma geração encontrou o samba, a Piedade – diz, referindo-se à escola de samba mais antiga de Vitória – rejuvenescendo o lugar.”

GABRIEL LORDÉLLO

OS NÚMEROS

População

O Centro de Vitória possui uma população de 9.838 habitantes, distribuída em 944.348,40 metros quadrados

Imóveis

Possui 4.584 domicílios particulares e coletivos. A média de ocupação é de 2,6 pessoas por domicílio

Só um em casa

É o quarto bairro de Vitória em número de pessoas que vivem sozinhas

Lazer e cultura

Possui 19 praças, um parque e seis museus

Fé

Entre templos de igrejas católicas, evangélicas, espíritas e centros de estudos religiosos, possui 27 unidades

Empresas

De janeiro a agosto deste ano, foram abertas no Centro 145 novas empresas – na Capital, o bairro só perdeu para Santa Lúcia, onde foram abertas 180